

Na contramão do desenvolvimento?

Por Fabio Vinicius Fontoura Gil

Um artigo divulgado na Internet fez um comparativo interessante sobre o conceito do “Efeito Orloff”, proveniente de um anúncio de bebidas que surgiu há alguns anos, com o trânsito nas grandes cidades.

A referência se devia ao consumidor desta marca de bebida deparar-se com sua imagem no dia seguinte, sem aparentar os devastadores efeitos do consumo alcoólico de baixa qualidade, dizendo a si mesmo: “eu sou você amanhã”. Aplicado em jornalismo econômico aos países em desenvolvimento, mostrando que a crise de uma nação seria da outra no futuro, foi sucesso de crítica em décadas anteriores e é perfeitamente aplicável quando o assunto é trânsito.

Países desenvolvidos utilizam a tecnologia em prol da solução de seus problemas e no que se refere a transportes, podemos citar a utilização de metrô inteiramente automatizados nas cidades de Nurembergue, Lyon, Kuala Lumpur, Paris e Copenhague, como exemplos de desenvolvimento. Este sistema é mais econômico e seguro, permitindo, a exemplo de Nurembergue, a redução de 10% no consumo de energia, além de possibilitar que os trens reajam com maior rapidez a eventuais perigos.

Em cidades como Miami e Orlando, sensores acoplados aos semáforos “entendem” a proximidade e/ou ausência de veículos na via e, automaticamente, liberam ou interrompem o fluxo naquela via e nas vias ortogonais, evitando congestionamentos desnecessários.

No Brasil a realidade é outra. Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, há algum tempo, sofrem pela falta de planejamento urbano e infra-estrutura viária para atender a demanda da população. O “Efeito Orloff” se aplica às demais cidades do Brasil que já começam a sentir, a exemplo de Curitiba, problemas de engarrafamento e excesso de veículos em relação àquilo que a cidade pode suportar. Isso é fato que não pode ser desprezado. O mesmo é válido para Porto Alegre, Florianópolis e até capitais regionais como Campinas e Ribeirão Preto.

Determinados segmentos da sociedade brasileira defendem o aumento de preço dos veículos para dificultar o consumo, “forçando” a população a utilizar o transporte público que, na maioria – senão em todas as cidades brasileiras – é de péssima qualidade. Para uns isso pode ser a solução, para outros é caminhar na contramão do desenvolvimento. Enquanto temos trens robotizados sendo utilizados na Europa e sensores que fiscalizam as vias de cidades americanas, no Brasil, ao invés de pensarmos em utilizar a ciência e tecnologia para melhorar a condição da população, pensamos em tirar desta população – que tem uma das maiores taxas tributárias do mundo – o direito de aquisição, além do direito de ir e vir livremente.

A questão não é defender o consumismo desordenado e brigar por direitos da sociedade, mas considerar o desenvolvimento na área de infra-estrutura por meio das ciências e tecnologias disponíveis.

A Cartografia é a ciência que pode fornecer subsídio para um planejamento sustentável. Com atividades de Aerofotogrametria é possível manter constante a atualização dos planos diretores, monitorar o crescimento das cidades e traçar soluções inteligentes para os problemas encontrados, tais como a definição de novas vias de acesso, estudo de fluxo de veículos, delimitação geográfica das regiões mais afetadas, uso e ocupação do solo, segurança, criação ou expansão do sistema de saneamento básico e vias públicas, além de fornecer um terreno propício ao crescimento econômico. Planos diretores tornam a vida urbana mais confortável e aproveitável, podendo melhorar a aparência e a beleza das comunidades, com a construção de parques, avenidas e centros cívicos. Através do planejamento urbano, esta ciência subsidia o estudo de problemas que ainda não existem e permite a adoção de práticas que evitam que tais problemas se tornem reais.

Se quisermos deixar de ser o “mercado de reservas do mundo”, precisamos de projetos inteligentes e ousados, que tenham começo e continuidade.

Fabio Vinicius Fontoura Gil – fabio@esteio.com.br – é agrimensor e estudante de Engenharia Civil da PUCPR. Atualmente gerencia o Departamento de Serviços Especiais da ESTEIO Engenharia e Aerolevantamentos SA.